

CULTURA DA GOIABA NO ESTADO DE SÃO PAULO: Projeto LUPA 2007/08¹

Vera Lúcia Ferraz dos Santos Francisco²
Priscilla Rocha Silva Fagundes³
Celma da Silva Lago Baptistella⁴
Antonio Ambrosio Amaro⁵

1 - INTRODUÇÃO

O Brasil, em 2008, foi o terceiro produtor mundial de frutas com mais de 43 milhões de t, atrás apenas de China e Índia. No mesmo ano, as exportações brasileiras de frutas frescas movimentaram cerca de US\$724 milhões com aumento de 12,7% em relação ao ano anterior. O principal destino da exportação brasileira de frutas, em 2008, foi a Europa, sendo que a União Europeia absorveu 76% do que foi exportado, enquanto os Estados Unidos foram o terceiro país no *ranking* dos importadores. No entanto, em estudo realizado pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil), em conjunto com empresas exportadoras do setor, identificou-se que os países que oferecem boas oportunidades para as frutas do Brasil são: Emirados Árabes Unidos, Inglaterra, Rússia, Canadá, Hong Kong, entre outros (AS EXPORTAÇÕES, 2010).

Dentre as frutas tropicais brasileiras, a goiaba⁶ ocupa lugar de destaque, pelo seu valor nutricional, aroma e sabor, e coloca o Brasil na posição de maior produtor de goiabas vermelhas.

Quanto à exportação brasileira de frutas, em 2008, a goiaba ocupou, o 24º lugar no *ranking* em valor comercializado, atingindo o patamar de US\$418 mil (MDIC/SECEX, 2009).

No território nacional, goiabais comerciais concentram-se, principalmente, nas regiões Sudeste e Nordeste, sendo os Estados de São Paulo e Pernambuco os maiores produtores. A produção foi estimada, em 2008, em 310 mil t em uma área de 15.641 ha (IBGE, 2008), cabendo destacar que a propagação espontânea vem sendo substituída por plantações mais tecnificadas (Figura 1).

A produção de goiaba destinada ao consumo *in natura* e para indústria sempre teve importância no Estado de São Paulo como incremento da produção agrícola e como atividade industrial, sendo assim, o objetivo deste estudo é caracterizar e analisar a cultura nas principais regiões produtoras do Estado, tanto em sua base física quanto em seus aspectos socioeconômicos.

2 - MATERIAL E MÉTODO

A fonte utilizada para obtenção dos dados analisados neste estudo foi o Levantamento Censitário de Unidades de Produção Agropecuária (Projeto LUPA), realizado pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento (SAA) por meio da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI) e do Instituto de Economia Agrícola (IEA) em 2007/08. A Unidade Básica de Levantamento (UBL) coincide, na maioria das vezes, com o imóvel rural, entendido como conjunto de propriedades contíguas do mesmo proprietário (SÃO PAULO, 2008).

As informações foram segmentadas em três grupos que correspondem às regiões identificadas em Francisco; Baptistella; Amaro (2005). São eles:

a) grupo 1, composto pelos municípios de Taquaritinga, Monte Alto, Vista Alegre do Alto e Urupeês, bem como os municípios circunvizinhos.

¹Levantamento Cadastral das Unidades de Produção Agropecuária do Estado de São Paulo - Projeto LUPA 2007/08 (SÃO PAULO, 2008). Os autores agradecem ao estagiário Alison Pablo de Olivera. Registrado no CCTC, IE-59/2010.

²Estatística, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: veralfrancisco@iea.sp.gov.br).

³Engenheira Agrônoma, Mestre, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: priscilla@iea.sp.gov.br).

⁴Socióloga, Doutora, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: celma@iea.sp.gov.br).

⁵Engenheiro Agrônomo (e-mail: amaro.pingo@gmail.com).

⁶A goiaba pode ser consumida *in natura* e, principalmente, industrializada na forma de goiabada, geléias, pastas, fruta em calda, purê, alimentos para criança, base para bebidas, refrescos, sucos, xaropes e guatchup, que apresenta alto valor nutricional rico em licopeno, betacaroteno, vitamina C, cálcio, fibras e é menos calórico em relação ao seu concorrente feito de tomate (FRANCISCO; BAPTISTELLA; AMARO, 2005).

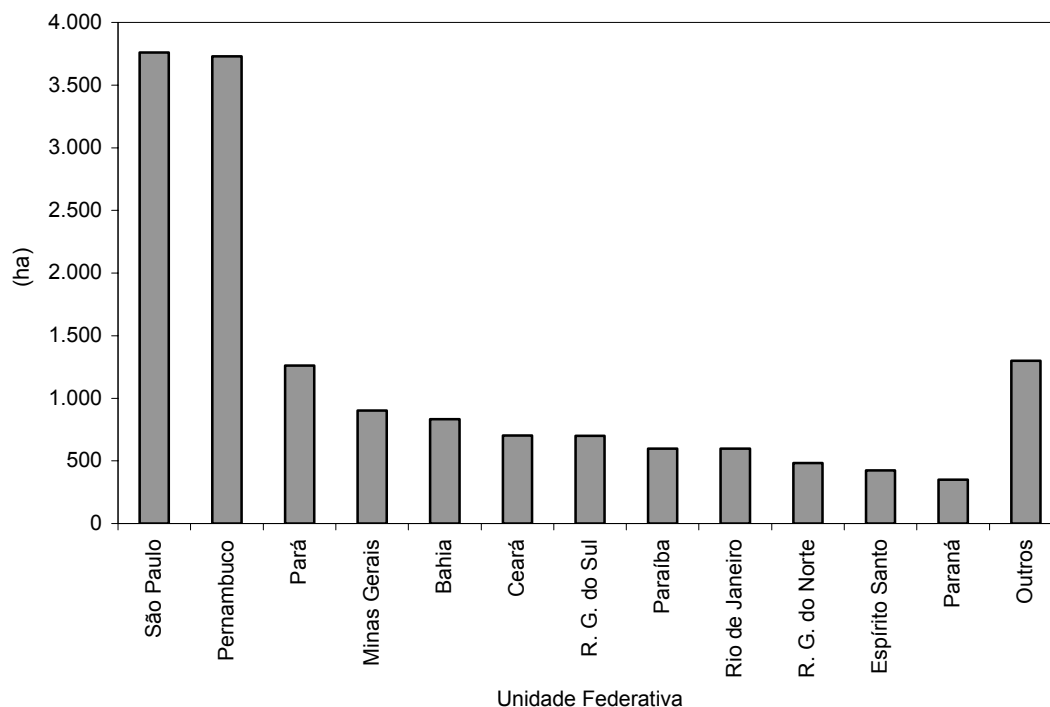


Figura 1 - Área de Goiaba por Unidade Federativa, Brasil, 2008.
Fonte: Elaborada pelos autores com base em IBGE (2008).

- nhos distantes até 50 km;
- b) grupo 2, composto pelo município de Valinhos, bem como os municípios circunvizinhos distantes até 50 km;
- c) grupo 3, composto pelo município de Mirandópolis, bem como os municípios circunvizinhos distantes até 50 km.

As análises de evolução da cultura na última década em São Paulo devem ser conduzidas separadamente (indústria ou consumo *in natura*), pois os espaçamentos de plantio, tecnologia de produção e produtividade dependem das variedades cultivadas e do destino da produção.

Para auxiliar nas análises dos dados e sua aderência, foram consultados o banco de dados IEA, técnicos, produtores das regiões analisadas. Em seguida, os dados desta pesquisa foram comparados com os resultados de Francisco; Baptistella; Amaro (2005).

3 - ANÁLISE DOS RESULTADOS

No Levantamento Censitário de Unidades de Produção Agropecuária (Projeto LUPA) do Estado de São Paulo de 2007/08, a cultura da

goiaba foi detectada em 1.677 UPAs (imóvel rural), ocupando 6.397,6 ha com 1,7 milhão de plantas, com evolução da ordem de 21% no número de plantas, em comparação com os dados do levantamento 1995-96 - 1,4 milhão de plantas em área de 5.998,0 ha (PINO et al., 1997). Observe-se, portanto, que houve maior aumento em número de pés do que em área cultivada, mostrando adensamento nos plantios, tendência generalizada na fruticultura paulista.

A produção destinada a processamento industrial, nas últimas quatro décadas, diminuiu tanto no número de pés em produção como no número de pés novos (até 3 anos), enquanto a produção praticamente duplicou no período 2000 a 2008, comparada à média registrada na década 1970 (Tabela 1).

Esse cenário de significativo aumento de produtividade por planta deve ser atribuído à interação entre geração, difusão e adoção de conhecimentos por parte dos fruticultores, podendo ter, como exemplo, o grande plantio da variedade paluma mais produtiva que as demais variedades.

De forma semelhante, quando se analisa a evolução da cultura de goiaba para mesa

TABELA 1 - Área, Planta, Produção e Produtividade da Goiaba de Indústria, Estado de São Paulo, Décadas de 1970 a 2008

Década	Pés novos (1.000)	Pés em produção (1.000)	Produção (t)	Produtividade (kg/pé)
1970	265	956	30.390	33
1980	106	606	42.000	69
1990	116	611	48.850	79
2000-2008	90	633	70.567	107

Fonte: Elaborada pelos autores com base em dados do IEA (2009).

(consumo *in natura*), no mesmo período, observa-se que a produtividade média mais que triplicou da década de 1970 (26 kg/planta) para o período 2000/08 (81 kg/planta), porém, acompanhada por forte expansão no número de plantas cultivadas e na produção (Tabela 2).

A distribuição das áreas cultivadas com goiaba no Estado pode ser considerada concentrada, visto que 62% delas estão distribuídas em seis municípios, sumarizando 925 unidades de produção agropecuária. Três regiões identificadas em Francisco; Baptistella; Amaro (2005) continuam a ser representativas no cultivo correspondendo a 85% da área paulista (Figura 2).

Segundo estudo de Vegro e Miranda (1994), a cultura da goiaba apresentava característica de pequenos pomares, e os dados do LUPA 2007/08 apontam que essa característica ainda permanece tanto nos pomares destinados à indústria quanto nos destinados ao consumo *in natura*.

Os pomares na região do grupo 1 ocupam área de 4.368,7 ha, em 862 UPAs e somam o total de 1,1 milhão de plantas, participando com 90% da produção total estadual destinada para a indústria (Figura 3).

Do total dessa área, cerca de 47% constituem-se de pomares de tamanho entre 2 e 10 ha e 44% são de 10 a 50 ha, enquanto os maiores pomares ocupam áreas de 100 a 200 ha⁷. Destacam-se os municípios de Vista Alegre do Alto, Monte Alto e Taquaritinga que correspondem a 34% da área total estadual. A existência de grandes agroindústrias localizadas nos municípios de Matão, Taquaritinga, Monte Alto e Vista Alegre do Alto representa uma vantagem para esta região.

A cultura de goiaba nos municípios do

grupo 2 ocupa área de 858,9 ha em 414 UPAs e atinge o total de 269 mil plantas, participando com 39% da produção estadual destinada ao consumo *in natura*. Do total dessa área, cerca de 74% constituem-se de pomares de tamanho até 5 ha, não existindo pomares acima de 20 ha⁸. O principal município produtor permanece Valinhos com 392,2 ha, seguido de Campinas com 317,2 ha⁹ (Figura 3).

Os fruticultores desses municípios próximos à Capital escoam a produção principalmente para a Central de Abastecimento S.A. de Campinas (CEASA/Campinas) e para a Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP). Além disso, esse grupo possui localização estratégica, por estar próximo a rodovias (Presidente Dutra, Bandeirantes, Anhanguera e Regis Bittencourt) bem como aos aeroportos (Guarulhos, Congonhas e Viracopos) o que é imprescindível para o escoamento rápido do produto que tem por característica ser fruta não-climatérica e altamente perecível. Esse grupo é o maior produtor de goiaba branca do Brasil, fruta que, além de ter boa aceitação no mercado interno, também é exportada para seu principal mercado: o europeu.

Nos municípios do grupo 3 foram encontrados 62 mil pés em uma área de 222,9 ha, em 89 UPAs que contribuem com 9% da produção estadual destinada ao consumo *in natura* e 2% da produção estadual destinada à indústria. Nos pomares entre 2 e 5 ha concentram-se 41% das

⁸Neste grupo de municípios observou-se que os pomares diminuíram quando comparados ao levantamento de 1998-2003, ou seja, cerca de 69% das UPAs constituíam-se de pomares de tamanho de até 5 ha, não existindo pomares acima de 50 ha (FRANCISCO; BAPTISTELLA; AMARO, 2005). Tal fato pode ser atribuído a loteamentos das UPAs para fins de recreio e/ou condomínios residenciais, bem como a escassez, cada vez maior, de recursos humanos treinados e capacitados no trabalho de frutícolas.

⁹Ao se comparar esses informes com os dados do período 1998-2003 verifica-se que a área do município de Valinhos diminuiu 10% e a de Campinas aumentou 40%.

⁷Esses informes quando comparados ao levantamento de 1998-2003 mostram que os pomares neste grupo aumentaram de tamanho de 51% e 35%, respectivamente (FRANCISCO; BAPTISTELLA; AMARO, 2005).

TABELA 2 - Área, Planta, Produção e Produtividade da Goiaba de Mesa, Estado de São Paulo, Décadas de 1970 a 2008

Década	Pés novos (1.000)	Pés em produção (1.000)	Produção (t)	Produtividade (kg/pé)
1970	30	121	3.016	26
1980	24	124	8.505	63
1990	74	441	36.067	95
2000-2008	63	595	47.754	81

Fonte: Elaborada pelos autores com base em dados do IEA (2009).

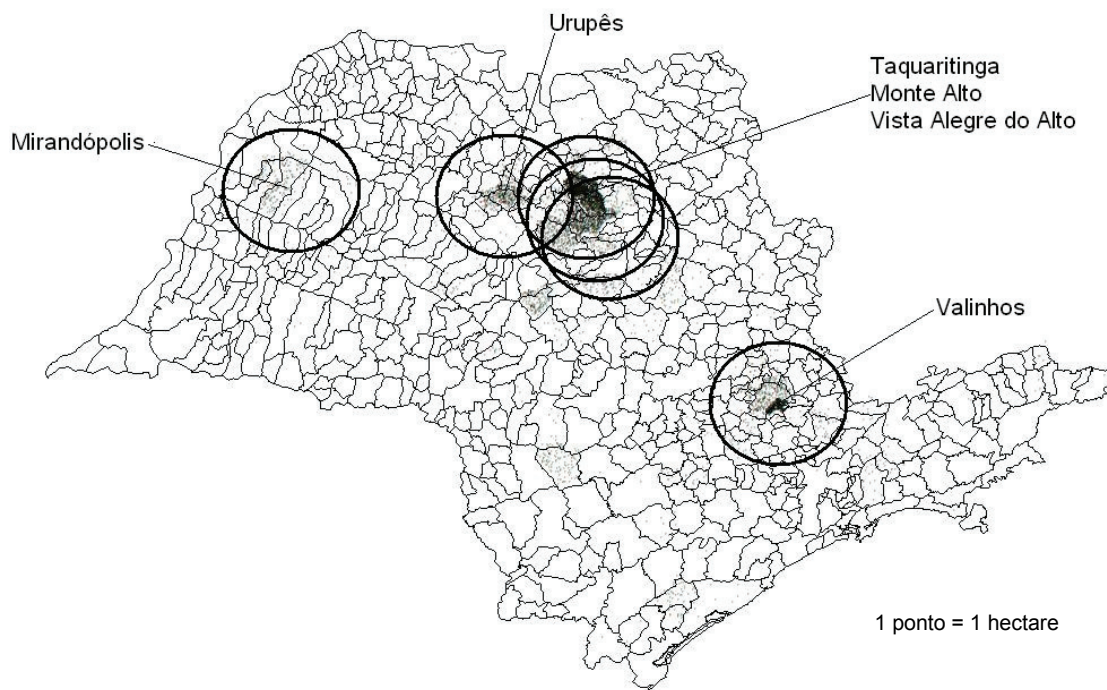


Figura 2 - Distribuição Geográfica da Área Plantada com Goiaba, 2007/08.

Fonte: Elaborada pelos autores com base em São Paulo (2008).

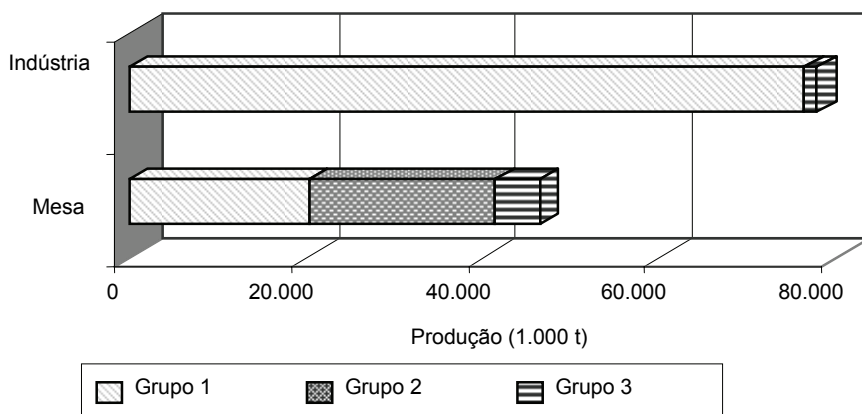


Figura 3 - Produção de Goiaba Segundo a Finalidade da Produção, por Grupo, Estado de São Paulo, 2008.

Fonte: Elaborada pelos autores com base levantamento São Paulo (2008).

unidades produtivas e não existem pomares maiores de 20 ha. O município de Mirandópolis é o principal produtor de goiaba do grupo 3 com uma área de 150,3ha¹⁰ (Figura 3).

O espaçamento de cultivo da goiabeira não sofreu alterações nos últimos anos, pois depende da variedade cultivada e do destino da produção. Variedades de porte ereto exigem espaçamentos menores. Entretanto, recomenda-se evitar baixas densidades de cultivo, pois goiaba é planta exigente em clima e solo e, também, adensamentos excessivos devido à execução de inúmeras podas. A densidade usual para a goiaba está entre 150 e 300 plantas/ha, ocorrendo variações entre os grupos (Figura 4).

O cultivar mais utilizado com finalidade industrial é o paluma. Para o mercado *in natura*, na região de Valinhos e Campinas, é o kumagai, cuja polpa é branca. Na região de Mirandópolis, os frutos têm por base o grupo ogawa que veio atender consumidores que preferiam a polpa vermelha.

Se a intenção do fruticultor é direcionar a produção para o período de menor oferta e oferecer produtos de qualidade não só para o consumidor interno como, principalmente, para os padrões de exportação, é necessário que se tomem algumas medidas como a irrigação e a aplicação de poda em diferentes épocas do ano (Tabela 3).

No Estado de São Paulo, mais de um terço da área cultivada com goiaba está sob irrigação (Tabela 3). Nos municípios com maiores áreas cultivadas, destinadas principalmente para a indústria, a prática de irrigação abrange 36% da área no grupo 1; e os municípios nos quais os produtores mais utilizaram esta prática foram: Monte Alto, com 38,4% da área plantada; Taquaritinga, com 22,7% da área; e em Vista Alegre do Alto, com 70,9% da área.

No grupo 2, considerado como produtor de fruta para mesa, no município de Valinhos registrou-se a maior área irrigada com 64,8%.

Quanto à área de goiaba arrendada e/ou em parceria¹¹, observou-se que em Vista Alegre do Alto, 31,9% da área cultivada com a fruta está sob essas formas de contrato; em Uru-

pês 94,2%; em Mirandópolis 35,5% e em Valinhos 46,0%. Essas formas de contrato de exploração geralmente são desenvolvidas por familiares que trabalham com frutíferas muito exigentes em mão de obra. Segundo Rozane; Oliveira; Lirio [2003], a cultura da goiaba exige dedicação constante e permanente em seus tratamentos culturais, desde as podas até a colheita, e a utilização de sistemas de parcerias proporciona maior estabilidade e dedicação do trabalhador ao empreendimento.

Diante da absoluta necessidade de classificação e embalagem da fruta para mesa, foi no grupo 2 que estava instalado maior número de casa de embalagem (*packing house*), 41 UPAs com 51 casas de embalagem, enquanto no grupo 1 ocorreu somente em uma UPA e no grupo 3, nenhuma. O mercado de goiaba de mesa é exigente e, por ser uma fruta altamente perecível, os cuidados pós-colheita são fundamentais para garantir uma boa comercialização do produto e mais agregação de valor. Outro fato que justifica a maior presença de casas de embalagem de frutas nas propriedades do grupo 2 é a exigência de que o produto destinado ao mercado externo seja bem acondicionado e receba tratamento pós-colheita adequado.

A maior parte dos produtores de goiaba cultiva, também, outras frutíferas em seus estabelecimentos. Em 72% das propriedades localizadas no grupo 1, eram cultivados 7.190,3 ha de citros¹² e em 36% a manga ocupava área de 1.641,5 ha, correspondendo a 8,8% da área total estadual cultivada com manga. No grupo 2, em 14% das unidades, o produtor também cultivava pêssego; em 14% das UPAs os produtores cultivavam figo e em 9% das UPAs era cultivada a uva rústica. No grupo 3, a maioria possuía pasto (80%) e em 25% das UPAs também se cultivava manga.

A fruticultura contribui para aumentar a demanda de mão de obra qualificada na agricultura, principalmente no que se refere à poda e à colheita de fruta para mesa.

Uma característica dos produtores do grupo 2 é a utilização da mão de obra familiar (média de 4 pessoas por UPA). No entanto, nas UPAs do grupo 3 a média de números de famílias que trabalhavam na propriedade era de 3 pessoas por unidade e naquelas do grupo, 1 apenas 2 pessoas.

Outros indicadores importantes referen-

¹⁰Apesar da diminuição em 50% da área cultivada com a fruta em comparação aos informes de 1998-2003.

¹¹As relações de arrendamento e parceria são condições diferentes de atitude frente ao proprietário da terra. Como o dado foi levantado no campo de forma conjunta, este informe sinaliza a ocupação na atividade de pessoas que mantém relação de produção e não são proprietários.

¹²Em 1995-96 eram 11.670 ha e foram eliminados por questões de preços e rentabilidade.

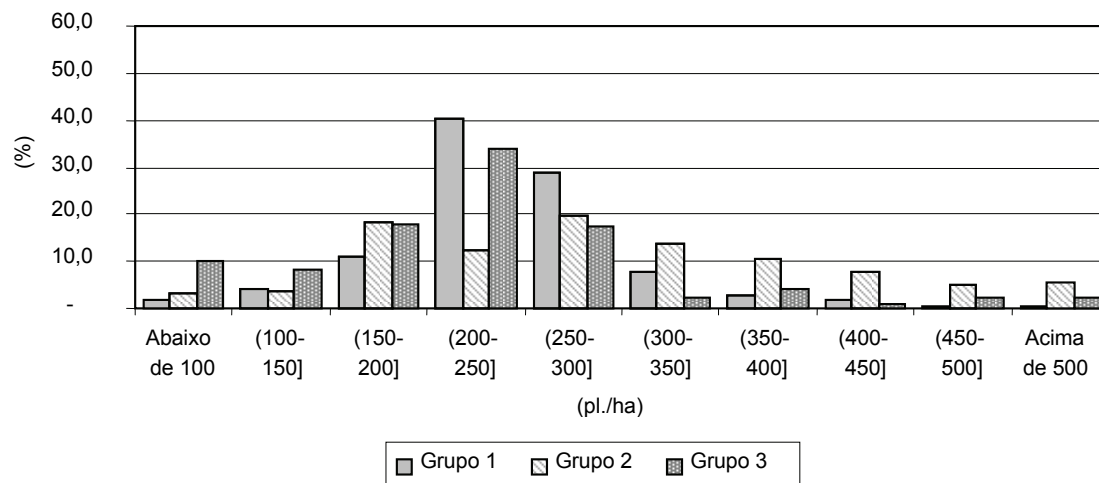


Figura 4 - Percentual de Área com Goiaba por Classe de Densidade de Cultivo e por Grupo, Estado de São Paulo, 2007 e 2008. Fonte: Elaborada pelos autores com base em São Paulo (2008).

TABELA 3 - Área e Número de UPAs com Irrigação e Parceria/Arrendamento no Cultivo da Goiaba, Estado de São Paulo, 2007 e 2008

Grupo	(em %)			
	Irrigada		Em arrendamento/parceria	
	Área	UPAs	Área	UPAs
Grupo 1	36,0	30,4	18,9	14,3
Grupo 2	38,5	33,3	23,4	24,9
Grupo 3	22,3	10,1	23,9	5,6
Estado	38,7	32,7	21,1	17,8

Fonte: Elaborada pelos autores com base em São Paulo (2008).

tes às propriedades e aos produtores de goiaba possibilitam traçar um perfil socioeconômico mais amplo dessa cultura em São Paulo (Tabela 4).

No Estado apenas 18% declararam não utilizar assistência técnica. Por outro lado, representando 54% da área cultivada com goiaba, 62% dos produtores utilizam assistência técnica ao mesmo tempo oficial e privada, enquanto 20% se valeu somente de assistência oficial.

Tanto nos municípios do grupo 1, como naqueles do grupo 2, os sistemas adotados de assistência técnica abrangem iguais proporções de área cultivada (58%) e de número de UPAs (63%), ou seja, combinando assistência oficial e privada, esta última representada principalmente por técnicos de empresas de insumos (defensivos e adubos).

Quanto ao associativismo os produtores nos municípios do grupo 1 mostraram-se muito mais participantes de cooperativas que nos outros dois e que no total estadual, o que pode ser atribuído, pelo menos em parte, à presença da Co-

percitrus nessa região atuando como fornecedora de insumos. Por outro lado, é nas UPAs do grupo 2 que aparece a maior proporção de parceiros (meiros) e arrendatários, o que é consistente com a situação prevalecente na fruticultura dessa região e muito exigente de mão de obra para tratamentos culturais.

Segundo os dados apresentados na tabela 4, em 84% das UPAs no Estado é feita adubação mineral correspondente a 86% da área com goiabeiras. Já a adubação orgânica é feita em 56% das UPAs e abrange 50% da área cultivada. Cabe ainda assinalar que análises de solos (que deveriam preceder a adubação) são feitas por apenas 51% das UPAs e respondem por 62%. Ou seja, boa parte da área (27%) é adubada sem prévia análise

O crédito rural é pouco usado no Estado (21%) para a cultura da goiaba, fato que pode ser explicado por não existir um modelo de crédito específico que leve em consideração as especificidades da cultura, o perfil da região e do produtor.

TABELA 4 - Indicadores Socioeconômicos, Produtores de Goiaba, Estado de São Paulo, 2007 e 2008

Indicador	Grupo 1				Grupo 2			
	Área com goiaba		UPAs		Área com goiaba		UPAs	
	ha	%	N.	%	ha	%	N.	%
Cooperado	2.843,5	65,1	451	52,3	137,4	16,0	39	9,4
Associado	608,6	13,9	122	14,2	260,6	30,3	104	25,1
Sindicalizado	1.783,9	40,8	293	34,0	589,1	68,6	229	55,3
Proprietário tem parceiros/ arrendatários	327,6	7,5	48	5,6	169,1	19,7	64	15,5
Não utiliza assistência técnica	477,5	10,9	112	13,0	96,2	11,2	77	18,6
Utiliza somente assistência técnica oficial	1.340,2	30,7	206	23,9	260,3	30,3	76	18,4
Utiliza somente assistência técnica privada	429,8	9,8	141	16,4	318,1	37,0	192	46,4
Utiliza assistência técnica oficial e privada	2.121,2	48,6	403	46,8	184,3	21,5	69	16,7
Crédito rural	916,9	21,0	213	24,7	105,5	12,3	47	11,4
Escrituração agrícola	1.013,6	23,2	129	15,0	512,8	59,7	225	54,3
Conservação do solo	4.085,9	93,5	781	90,6	507,3	59,1	220	53,1
Faz adubação mineral	3.687,1	84,4	751	87,1	815,3	94,9	369	89,1
Faz adubação orgânica	1.689,6	38,7	355	41,2	820,4	95,5	371	89,6
Faz adubação verde	364,8	8,4	82	9,5	123,2	14,3	43	10,4
Utiliza Mudas fiscalizadas	2.463,0	56,4	490	56,8	180,7	21,0	62	15,0
Faz MIP	177,7	4,1	36	4,2	21,1	2,5	5	1,2
Realiza análise de solo	2.908,6	66,6	556	64,5	414,5	48,3	159	38,4
Utiliza seguro rural	154,9	3,5	34	3,9	22,5	2,6	10	2,4
Energia elétrica para agricultura	3.905,8	89,4	785	91,1	892,3	103,9	415	100,2
Computador na agropecuária	399,9	9,2	40	4,6	234,9	27,3	75	18,1
Acessa internet para fins agropecuários	330,9	7,6	38	4,4	152,2	17,7	48	11,6
Agroindústria	31,0	0,7	2	0,2	3,0	0,3	1	0,2

Indicador	Grupo 3				Estado			
	Área com goiaba		UPAs		Área com goiaba		UPAs	
	ha	%	N.	%	ha	%	N.	%
Cooperado	24,4	10,9	19	21,3	3.536,1	55,3	600	35,8
Associado	109,3	49,0	41	46,1	1.186,5	18,5	352	21,0
Sindicalizado	66,5	29,8	28	31,5	2.828,2	44,2	648	38,6
Proprietário tem parceiros/ arrendatários	24,5	11,0	6	6,7	635,4	9,9	139	8,3
Não utiliza assistência técnica	147,6	66,2	59	66,3	937,1	14,6	288	17,8
Utiliza somente assistência técnica oficial	14,0	6,3	3	3,4	1.992,1	31,1	336	20,8
Utiliza somente assistência técnica privada	40,7	18,3	17	19,1	902,1	14,1	444	27,5
Utiliza assistência técnica oficial e privada	20,6	9,2	10	11,2	2.566,3	40,1	549	34,0
Crédito rural	83,7	37,6	24	27,0	1.277,8	20,0	356	21,2
Escrituração agrícola	53,7	24,1	9	10,1	1.991,0	31,1	482	28,7
Conservação do solo	129,6	58,1	36	40,4	5.416,2	84,7	1.214	72,4
Faz adubação mineral	201,0	90,2	71	79,8	5.476,6	85,6	1.403	83,7
Faz adubação orgânica	137,0	61,5	47	52,8	3.182,5	49,7	943	56,2
Faz adubação verde	1,3	0,6	1	1,1	595,9	9,3	174	10,4
Utiliza mudas fiscalizadas	14,7	6,6	9	10,1	3.245,9	50,7	691	41,2
Faz MIP	0,6	0,3	1	1,1	274,6	4,3	55	3,3
Realiza análise de solo	117,7	52,8	33	37,1	3.973,3	62,1	856	51,0
Utiliza seguro rural	6,2	2,8	1	1,1	231,7	3,6	60	3,6
Energia elétrica para agricultura	241,4	108,3	94	105,6	5.862,6	91,6	1.566	93,4
Computador na agropecuária	8,3	3,7	3	3,4	844,5	13,2	160	9,5
Acessa internet para fins agropecuários	1,3	0,6	1	1,1	604,1	9,4	121	7,2
Agroindústria					35,0	0,5	4	0,2

Fonte: Elaborada pelos autores com base em São Paulo (2008).

O seguro rural é praticamente inexistente nessa cultura e o uso de mudas fiscalizadas ocorre em 51% da área e somente é expressivo nos municípios do grupo 1.

O uso de computador e internet para fins da agropecuária hoje pode auxiliar os produtores no acesso a informações e ser um diferencial competitivo em seu negócio. No grupo 2, maior número de UPAs utiliza computador (18,1%) e tem acesso à internet para fins agropecuários (11,6%) em comparação com o grupo 1 (4,6% UPAs utilizam computador e 4,4% internet) e ao grupo 3 (3,4% utilizam computador e 1% internet).

Quanto à escrituração agrícola, que demonstra organização e profissionalismo do produtor, é também no grupo 2 que ocorre maior percentagem (54%) de UPAs que fazem escrituração, enquanto no grupo 1, apenas 15% das UPAs, e no grupo 3, 10,1% das UPAs.

4 - CONCLUSÃO

Três regiões continuam a ser representativas no cultivo correspondendo a 85% da área paulista. Na última década os pomares paulistas deixam de ter propagação espontânea para serem cultivados de forma planejada e tecnicada.

Dentre outros aspectos, vale destacar que, embora tenha ocorrido nos últimos vinte anos uma migração do cultivo de goiaba para indústria em direção a Goiás, para onde se deslocaram (ou foram instaladas) algumas unidades de

processamento que antes adquiriam exclusivamente várias matérias-primas em São Paulo, a evolução tecnológica permitiu que, em média, de 2000 a 2008, a produção tenha se elevado. Contudo, pode-se considerar que o número de pés em produção não deverá aumentar no curto prazo (ou se manter) tendo em vista que o número de plantas novas mostra redução nesse período.

Diante desse quadro, uma política creditícia para financiamento de custeio da lavoura e plantio ou renovação de pomares deverá merecer atenção governamental.

Da mesma forma, o cultivo de goiaba para consumo, seja no mercado interno bem como para exportação, poderá merecer não só apoio creditício oficial para custeio, mas também, para aquisição de materiais de embalagem (caixas, papel, rótulos, etc.), gravados por IPI e ICMS, mesmo quando destinado à exportação, ainda que tenha possibilidade de *draw-back*.

A diferença entre as regiões produtoras do Estado é grande tanto em aspectos de mercado (indústria, *in natura*) quanto à tecnologia de produção e perfil de produtor; portanto, a definição de políticas públicas para a cultura da goiaba deve ser elaborada por região e não para todo o Estado, respeitando tais diferenças. Assim, ações de apoio à cultura para a região do grupo 3 são de grande valia, pois, em relação a outras regiões que já possuem seu mercado estabelecido, essa região necessita de maior atenção do setor para apoiar o desenvolvimento de uma goiabicultura forte e competitiva.

LITERATURA CITADA

AS EXPORTAÇÕES brasileiras de frutas. **Revista Brazil Export**, Rio de Janeiro, ano 40, n. 383, p. 3, mar./abr. 2010. Disponível em: <http://www.brazilexportmagazine.com.br/revista/rev383/files/exporta%20frutas_.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2010.

FRANCISCO, V. L. F. S.; BAPTISTELLA, C. S. L.; AMARO, A. A. **A cultura da goiaba em São Paulo**. São Paulo: IEA, 16 mar. 2005. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/verTexto.php?codTexto=1902>>. Acesso em: nov. 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Produção agrícola municipal**. Rio de Janeiro, IBGE, 2008. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/acervo/acervo2.asp?ti=1&tf=99999&e=v&p=PA&z=t&o=11>>. Acesso em: 6 nov. 2009.

INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA - IEA. **Banco de dados**. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/banco/menu.php>>.. Acesso em: dez. 2009.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. Secretaria de Comércio Exterior -

MDIC/SECEX. **Sistema de análise das informações de comércio exterior (ALICE)**. Disponível em: <<http://alicerweb.desenvolvimento.gov.br>>. Acesso em: 6 nov. 2009.

PINO, F. A. et al. (Orgs). **Levantamento censitário de unidades de produção agrícola do estado de São Paulo 1995-96**. São Paulo: IEA/ CATI /SAA, 1997. Disponível em: <<http://www.cati.sp.gov.br/projetolupa>>. Acesso em: mar. 2010.

ROZANE, D. E.; OLIVEIRA, D. A; LIRIO V. S. **A Importância econômica da cultura da goiabeira**, [2003]. Disponível em: <http://www.nutricaoeplantas.agr.br/site/ensino/pos/Palestras_William/Livrogoiaba_pdf/13_importanciaeconomica.pdf>. Acesso em: mar. 2010.

SÃO PAULO (Estado). **Projeto LUPA 2007/08**: levantamento censitário de unidades de produção agrícola do estado de São Paulo. São Paulo: CATI/IEA/SAA, 2008. Disponível em: <<http://www.cati.sp.gov.br/projetolupa>>. Acesso em: ago. 2010.

VEGRO, C. L. R.; MIRANDA, M. C. Estrutura e dinâmica do mercado de goiaba e derivados. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 24, n. 8, p.15-26, ago. 1994.

CULTURA DA GOIABA ESTADO DE SÃO PAULO: Projeto LUPA 2007/08

RESUMO: O cultivo e a exportação de goiaba ocupam lugar de destaque dentre as frutas tropicais e o Brasil é maior produtor de goiaba vermelha, sendo o Estado de São Paulo um dos maiores produtores. O objetivo deste estudo foi caracterizar e analisar a cultura nas principais regiões produtoras do Estado compostas pelos municípios de Taquaritinga, Monte Alto, Vista Alegre do Alto e Urupês (grupo 1); município de Valinhos (grupo 2) e município de Mirandópolis (grupo 3) nos aspectos físicos e socioeconômicos. A fonte de dados foi o Censo da Secretaria de Agricultura de São Paulo (Projeto LUPA 2007/2008). Mostrou-se que a cultura se estende por 1.677 UPAs (imóvel rural) ocupando 6.397,6 ha com 1,7 milhão de plantas. A produtividade média mais que triplicou da década de 1970 para o período 2000 a 2008. A produção paulista de goiaba permanece típica de pequenos produtores, inclusive para a finalidade industrial.

Palavras-chave: censo agropecuário, goiaba, produção, ocupação de mão de obra.

GUAVA PRODUCTION IN THE STATE OF SAO PAULO: 2007/08

ABSTRACT: Guava enjoys a prominent position in tropical fruit farming and exports. Brazil is the largest producer of red guava and the state of Sao Paulo one of its foremost producers. The objective of this study was to characterize and analyze the interplay of physical, social and economic factors that affect this crop in the state's major producing regions, which comprise the townships of Taquaritinga, Monte Alto, Vista Alegre do Alto and Urupês (group 1); of Valinhos (group 2); and of Mirandópolis (group 3). Guava crops are grown in 1,677 rural holdings and cover an area of 6,397.6 hectares with 1.7 million plants. Average yield more than trebled from the 1970s to the period of 2000-08. Also, production remains done by small farmers, including that aimed at industrial use.

Key-words: agricultural census, guava, production, labor occupation.

Recebido em 03/08/2010. Liberado para publicação em 31/08/2010.